

Uma vida na sombra

António Bolota mostra uma produção fervilhante que se expande da mente para o espaço

TEXTO CELSO MARTINS

Em fevereiro deste ano, António Bolota (Benguela, 1962) apresentou “Assentamento” na Quadrum, em Lisboa, uma única obra de dimensões monumentais que ocupava toda a galeria. “Ser Sombra [Desenho]” está nos antípodas dessa escala, mas não é menos impressionante. Em comum, as duas exposições parecem ter uma mesma fonte: a geometria, como origem e pensamento sobre as formas. Na Fundação Carmona e Costa, o escultor mostra cerca de 350 obras de pequenas e médias dimensões realizadas entre 2018 e 2019 que na sua nudez conceptual encurtam consideravelmente a distância entre o processo mental e a resolução material aplicada a cada uma delas. Cada exposição de António Bolota é uma resposta a um problema específico e é nessa medida que a sua resposta se transforma em problema para o observador. Isso pode acontecer numa escala ambiental ou no espaço de um estreito corredor. A questão é sempre, como se reabilita ou dá sentido(s) a um espaço; como pode esse espaço dar vida a uma presença e, no limite, como é que essa relação pode induzir uma experiência. A chave é o desenho. Entre as obras que povoam as várias salas da Fundação Carmona e Costa não há uma única a que possamos chamar desenho enquanto inscrição no papel e, no entanto, esta é declaradamente uma exposição de desenho, de desenho ‘expandido’ no sentido em que hoje se prolonga o diagnóstico de Rosalind Krauss em relação à escultura a outras disciplinas.

Ao mesmo tempo, esta é das exposições de António Bolota em que a pegada do passado é mais assumida no seu trabalho. Dos contrarrelevos de Tatlin às superações da bidimensionalidade

do neoconcretismo, passando pelo reducionismo neoplasticista, várias filiações históricas podem encontrar-se mas é sobretudo uma ética da abstração geométrica, um princípio de desmultiplicação aberta que se conserva desse património comum.

Pese embora a sua leveza formal, a maioria destas obras corresponde a operações complexas e a diferentes camadas de desenho. O desenho prévio e processual que configura cada uma delas;

o recorte dos materiais (cartão e balsa, sobretudo); a presença da cor que desmultiplica planos e define formas, a tridimensionalização que lhes dá uma primeira expansão para o espaço e a iluminação, aspeto-chave não apenas do *display* expositivo, como da morfologia de cada uma delas, tão decisiva ela é no seu encontro connosco.

A sombra é aqui o elemento imaterial, quase líquido, que reorienta um vocabulário extenso e variado que inclui elipses, ângulos retos, círculos, formas quebradas abruptamente; jogos de cor ou com a sua ausência, sugestões de translações, desvelamentos e o que parecem pequenos *origamis*. Na última sala, essa imprevisibilidade das formas torna-se imersiva e esmagadora, forrando quase inteiramente as quatro paredes com pequenas e muito diversas construções. Bolota parece franquear-nos a porta a um laboratório pessoal repleto de possibilidades formais e rítmicas, uma incubadora de danças visuais que é como uma torrente inesgotável. ●

Obra sem título de António Bolota na exposição “Ser Sombra [Desenho]”



SER SOMBRA [DESENHO]

António Bolota

Fundação Carmona e Costa, Lisboa,
até 18 de maio